
Storytelling e a notícia contada no telejornalismo¹

Igor Alves Serafim FRANÇA²

Franco Dani Araújo e PINTO³

Universidade Vale do Rio Doce, Gov. Valadares, MG

Resumo

O *storytelling* é uma técnica usada para narrar fatos como se fossem histórias. No jornalismo, o repórter é o contador (*teller*) dessas histórias e o fato apurado (*story*) é o que deve ser narrado. Quando o jornalista enfatiza a narração e a descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens. É quase como uma tarefa estética cujo objetivo é despertar sensações no ouvinte, leitor ou telespectador, por meio de um texto mais elaborado, quase literário ou poético. O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura narrativa de uma reportagem exibida no telejornal Jornal da Globo, da Rede Globo, veiculada em 30 de agosto de 2016, cuja temática é uma exposição artística realizada na cidade de São Paulo. Pretende-se identificar nessa reportagem a presença do *storytelling*, considerando que esse modelo de narrativa faz parte de um contexto em que o uso de novas tecnologias e a presença de novas mídias alterou o ecossistema das mídias tradicionais, como a televisão. A análise é desenvolvida a partir do conceito da “Jornada do herói” (VOGLER, 2015) e seus estágios da estrutura narrativa.

Palavras-chave: telejornalismo; *storytelling*; narrativas jornalísticas; “jornada do herói”.

Introdução

Estudos na área da comunicação comprovam que a internet e seu alcance têm implicação nas mudanças na estrutura narrativa dos telejornais, pois geraram impactos diretos nas mídias tradicionais, como a televisão. A linguagem utilizada nessas novas plataformas tem migrado para jornalismo com a expectativa de atrair a audiência pela linguagem mais coloquial, que se comunica com esse público. A notícia estará presente nos sites, portais e nas mídias sociais, em poucos instantes, logo que algum fato de relevância tenha acontecido. Além disso, a presença das novas mídias alterou o ecossistema dessas mídias tradicionais.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduado do curso de Jornalismo (Bacharelado) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: igorfranca1500@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor do curso de Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: franco.araujo@univale.br

A narrativa, ao se tornar um fio condutor de vários meios expressivos digitais em prol de contar uma história, foi denominada *storytelling*, que é uma técnica usada para narrar fatos como se fossem histórias. No jornalismo, o repórter é o contador (*teller*) dessas histórias e o fato apurado (*story*) é o que deve ser narrado. Quando o jornalista enfatiza a narração e a descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens. É quase como uma tarefa estética cujo objetivo é despertar sensações no ouvinte, leitor ou telespectador, por meio de um texto mais elaborado, quase literário ou poético.

Conhecer as estruturas narrativas de um texto jornalístico a partir do conceito de *storytelling* é o objetivo deste trabalho. Para isso, analisaremos uma reportagem exibida no telejornal Jornal da Globo, da Rede Globo, veiculada em 30 de agosto de 2016, cuja temática é uma exposição artística realizada na cidade de São Paulo.

Era uma vez

Contar histórias é algo tão antigo quanto a humanidade. As narrativas permeiam o dia-a-dia do ser humano, que a todo momento está em busca de novas histórias, experiências, alimentando um apetite insaciável inerente ao estilo de vida estabelecido pela sociedade e como as relações interpessoais construídas. “O mundo hoje consome filmes, romances, teatro, televisão em tanta quantidade e como fome tão voraz que as artes da estória viraram a principal fonte de inspiração da humanidade, enquanto tenta organizar o caos e ter um panorama da vida” (MCKEE, 2016, p. 24).

Segundo Beltrão (1992), o jornalismo vive do cotidiano, transforma acontecimentos em notícias, histórias que despertem o interesse do público, em produto jornalístico. Traquina (2012) também destaca essa característica da atividade do jornalista como um moderno contador de “estórias” da sociedade contemporânea, tornando viva a tradição da humanidade de compartilhar informações. Santiago (1989) conceitua esse profissional como o narrador pós-moderno, no qual a narrativa dele é baseada nos fatos, aproximando da realidade, um recorte de verossimilhança que justifica o fazer jornalismo.

Para tal, as reportagens adotaram como método o texto objetivo, a informação estruturada na pirâmide invertida e no *lead*, fórmula onde o destaque é reportar a notícia de maneira impessoal, sempre reforçada pelo fator factualidade. Entretanto, esse mesmo método, que faz parte das redações dos jornais, transformam o conteúdo jornalístico em uma cadeia de reprodução. Os textos são padronizados e a capacidade narrativa das

reportagens reduzida. Benjamin (1985) descreve que a forma de narrar do jornalismo está a serviço da informação e por isso as notícias possuem narrativas pobres sem histórias surpreendentes. “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 1985, p. 213).

O texto e a narrativa do telejornalismo contemporâneo têm a competência de organizar a informação, mas como produto da televisão precisa de alguma forma oferecer entretenimento. O público está imerso em uma busca constante por conteúdo. As notícias repercutem antes mesmo da exibição no telejornal, e não existe mais hora marcada para se informar. Neste contexto atual, agregar valor às reportagens é parte da atualização necessária para criar conexão com o público presente nas novas mídias. Sendo assim, saber contar uma boa história, narrar um fato ou reportar uma notícia exige um processo criativo, que ultrapassa as formas tradicionais do telejornalismo, tornando a atividade mais dinâmica. As narrativas emergem com a aplicação de oferecer uma experiência diferente de se consumir notícias.

Segundo Martins (2012), a essência do jornalismo é narrar histórias e torná-las interessantes. Na busca por contar da melhor forma uma notícia, os profissionais da comunicação incorporam as técnicas do *storytelling* como processo de aproximação do jornalismo com quem consome esse conteúdo, reflexo da crescente presença das narrativas transmídias, impulsionada pela convergência das mídias.

Seja na publicidade, no cinema, na literatura, no teatro, ou até mesmo no jornalismo, o *storytelling* é uma técnica absorvida pelos diferentes segmentos da comunicação, que proporciona o intercâmbio de narrativas, linguagens e formatos, reconfigurando o potencial do conteúdo, no caso do produto jornalístico, uma reportagem de um telejornal.

Esse clique coletivo, abrupto como todo clique que se preza, coincide com o momento em que as narrativas clássicas dão sinais de fragilidade, criando confusão em nossas histórias individuais e consequentes crises de identidade (XAVIER, 2015, p. 12).

Na medida em que o processo de contar histórias ganha novas camadas, o *teller* (aquele que conta história) identifica de forma estratégica como otimizar/evoluir o ato de narrar. Nuñez (2007) define o *storytelling* como uma ferramenta, que dentro da

comunicação estrutura e cria ritmo narrativo, estabelecendo uma sequência de acontecimentos no qual atinge o sentimento e as emoções.

Palácios e Terenzzo (2018) abordam o *storytelling* como processo de contextualização da história contada “uma tecnologia: um conjunto de técnicas que complementam uma grande engrenagem capaz de atingir um grande propósito” (PALÁCIOS; TERENZZO, 2018, p. 90), e para tal destacam três critérios: uma história fabulosa, que apresenta um conteúdo especial surpreendo quem vai consumir; propósito épico, história carregada de ensinamento vital e que proponha algum tipo de desafio a ser superado; contada de forma fantástica, sendo fundamental encontrar a melhor forma de “organizar e transmitir as informações da história” (PALÁCIOS; TERENZZO, 2018, p. 91).

Segundo Xavier (2015), qualquer contador de história, independentemente de qual segmento da comunicação, exige habilidade criativa ao fazer uso do *storytelling*, entretanto no jornalismo existem algumas particularidades a serem observadas.

Já o jornalista tem que organizar os fatos da forma mais exata, objetiva, atraente e palatável possível, o que inclui a possibilidade de romantiza-los, provocar a imaginação do público sobre eventuais lacunas em sua apuração, apontar mistérios, sublinhar encantos, enfim, exercitar um pouco de sua verve literária. Tom Wolfe e Gay Talese, expoentes do *New Journalism*, reduzem a quase nada as fronteiras entre jornalismo e literatura, brindando-nos com livros maravilhosos. Articulistas, cronistas, biógrafos... são muitos os profissionais da imprensa que ultrapassam o registro dos fatos para transformá-los em pura arte literária (XAVIER, 2015, p. 82).

Segundo Leal (2006), o caminho para se aprimorar as narrativas no jornalismo está ligado à percepção de quem conta a notícia, sendo o ponto de ruptura a abordagem do jornalista em relação ao fato a ser explorado por meio de um *olhar narrativizante*, no qual o ponto de partida para contar uma história passa pela perspectiva analítica na busca de compreender os complexos vínculos sociais no mundo contemporâneo, tal qual a forma de apresentar, organizar e desdobrar os saberes do cotidiano. Palácios e Terenzzo (2018) chamam a combinação de jornalismo e *storytelling* de narrativa verticalizada e acrescentam outro ponto a ser considerado, no que se refere à cultura dentro das redações jornalísticas, sobre o perfil do repórter dentro das engrenagens da produção de notícia a de “roteirista, que coordena a estrutura narrativa” (PALÁCIOS; TERENZZO, 2018, p. 195).

Com o uso do *storytelling*, o telejornalismo aproxima as narrativas presentes nos campos da comunicação, na perspectiva de apresentar ao telespectador um conteúdo atrativo. A reportagem como produto telejornalístico precisa entregar mais que as notícias. É necessário dar contexto, investir nas histórias universais, e em muitas vezes, numa Jornada do Herói para transformar a informação bruta em uma reportagem lapidada e bem polida.

A “Jornada do Herói” e os estágios da estrutura narrativa

A “Jornada do Herói” apresenta tecnologias narrativas que são inerentes ao comportamento humano, possui peculiaridades carregadas de signos, é marcada pela cultura social dos povos que souberam utilizá-la como ferramenta de comunicação. Histórias universais, que são recontadas infinitas vezes, um padrão intuitivo das estruturas narrativas dos *tellers* que vão de encontro ao inconsciente coletivo da humanidade, como explica Vogler (2015) em a *Jornada do Herói*, baseada na obra *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell.

Vogler (2015) esquematiza a Jornada do Herói em 12 estágios, “como um mapa para se chegar de um ponto ao outro”, no qual cada parte apresenta elementos narrativos que permitam a construção da história de forma coesa e cativante. O ponto de partida da Jornada do Herói é o *Mundo Comum*, o primeiro estágio, onde está a base da história responsável por apresentar o personagem principal, chamado de *Herói*. É nesta fase que se conhece o conflito, a temática, as questões dramáticas, as metáforas visuais, o contexto onde se encontra o herói, os caminhos possíveis de serem seguidos, o arco do personagem e introduz o *Mundo Especial*, que apresenta elementos de contrastes com o *Mundo Comum*.

Com a premissa da história e o *herói* estabelecidos, é o momento de começar a desenvolver o enredo e já dar mais indícios do *Mundo Especial*. Nesta fase, entramos no segundo estágio, o *Chamado à Aventura*, que estabelece as primeiras progressões da história, acontecimentos necessários para provocar deslocamento do *herói* do mundo dele, além de estabelecer os principais objetivos da jornada e os desafios a serem superados.

Para a história avançar mais uma etapa, é preciso deixar claro o motivo do *herói* embarcar nesta jornada. Por isso, é provável que ele fique relutante ou reflexivo de

encarar os riscos apresentados no *Chamado à Aventura*. No terceiro estágio, a *Recusa do Chamado*, há também o reforço do peso dramático de deixar o *Mundo Comum* e entrar no *Mundo Especial*. Este estágio é fundamental para a imersão na jornada e o engajamento de quem acompanha a história.

O próximo passo nesta fase inicial da história é o *Encontro com o Mentor*, em que são estabelecidas as regras daqueles mundos. Assim, é comum que o herói entre em contato com alguma fonte de conhecimento, uma espécie de *Mentor*, que irá mostrar o caminho, criar motivações para ele entrar de vez no *Mundo Especial*, e fornecer um conhecimento ou ferramenta necessária durante a jornada. Esse quarto estágio é rico de desenvolvimento, sendo possível aprender um pouco mais sobre o *Mundo Especial*. Os personagens assumem seus arquétipos e são definidas as dinâmicas que permeiam toda a narrativa.

A *Travessia do Primeiro Limiar* é o quinto estágio, geralmente é onde acontece o primeiro ponto de virada. Nesta etapa, o *herói* chega no limite entre os dois mundos, enfrenta obstáculos para avançar na história, como os *Guardiões do Limiar*, que tentam impedir a passagem, sendo este um recurso narrativo para mostrar o desenvolvimento do personagem e se ele é digno de continuar a jornada. É o momento também marcado por um *Salto de Fé*, na qual o *herói* toma a decisão em explorar o desconhecido. O ritmo da história muda, com a imersão total no *Mundo Especial*, o que se reflete nos aspectos que compõem a narrativa da história.

Tendo entrado de uma vez por todas no *Mundo Especial*, o sexto estágio, *Teste, Aliados, Inimigos*, estabelece os primeiros confrontos e alianças. O *herói* é testado por uma série de desafios e forças antagônicas, com o objetivo de prepará-lo para o próximo estágio. Ele também pode fazer alianças ou se conectar com algum tipo de força para ajudá-lo no processo. Os testes apresentam uma certa dificuldade para o personagem, mostrando a inexperiência dele e, ao mesmo tempo, a adaptação ao *Mundo Especial*. A proposta nesta etapa é que o *herói* saia fortalecido e preparado para ir ao encontro ao objetivo final.

A esta altura, já passamos da metade da jornada. Assim, ao entrar no sétimo estágio, *Aproximação da Caverna Oculta*, o *herói* é provocado mais uma vez a sair daquela zona de conforto temporária. Neste momento, o personagem parece estar perto

do objetivo final e se prepara para enfrentar a *Provação Suprema*, que é o coração da aventura, o grande objetivo a ser alcançado ou desafio a ser vencido. A história começa a transmitir um senso de urgência, apresentando algumas complicações dramáticas. O *herói* pode até ficar desmotivado e confuso, sendo este mais um ponto de virada na história. O ritmo da narrativa segue em uma escalada. O confronto com o maior desafio é iminente, as forças do herói e do antagonista entram em colisão. Assim, no oitavo estágio, a *Provação*, é chegado o momento central da história e de mais tensão, chamado de *Crise*. Os acontecimentos desta etapa colocam o *herói* de frente com os maiores medos. É preciso que ele passe por uma transformação, que chamamos de *morte-e-renascimento*, um instante de ruptura fundamental entre o passado e o presente para consagrá-lo ele como um *herói* por completo, alcançando a melhor versão de si.

No nono estágio, a *Recompensa*, é o momento em que as consequências de ter passado pela provação são apresentadas. Após sobreviver à *Provação Suprema*, é preciso celebrar a vitória de ter conquistado o *Elixir*, uma epifania que amplifica a compreensão maior daquela realidade. É comum que o *herói* faça uma retrospectiva dos acontecimentos que o levaram até aquele ponto da história. Assim, é possível para quem acompanha a jornada chegar na mesma linha de raciocínio do personagem. O ritmo da narrativa a essa altura começa a diminuir, permitindo que o *herói* recupere o fôlego depois de uma árdua batalha.

Ao se aproximar do final da jornada, o *herói* precisa decidir quais caminhos ele tomará pela frente, o que fazer com o *Elixir* e tudo o que aprendeu até aquela etapa da história. Assim, entramos no décimo estágio, *Caminho de Volta*, na qual o personagem pode escolher ficar no *Mundo Especial* ou retornar para o *Mundo Comum*. Os objetivos são reorganizados no sentido de apresentar uma conclusão para a história. Mas o *herói* ainda precisa passar pelo teste final da jornada no estágio onze, a *Ressurreição*. É o *Clímax* da história, o ponto mais alto de drama. Neste estágio, o peso das decisões é elevado, provoca uma catarse emocional no último confronto do personagem, em que o risco coloca em prova todos os acontecimentos da história. O propósito é mostrar a transformação gradual do *herói* no processo de *Ressurreição*. O arco do personagem precisa ser finalizado, além de deixar evidente a mudança em comparação ao início da jornada.

Por fim, o estágio doze, *Retorno com o Elixir*. É a última chance de transmitir a mensagem da história. As mudanças que o *herói* passou são amplificadas no seu cotidiano, provocando a sensação de começo de uma nova jornada, e que nada será como antes. É preciso dar um desfecho para as questões levantadas lá nos primeiros estágios da *Jornada do Herói*. Assim, pode se finalizar de forma circular (fechada), na qual a narrativa retorna ao ponto de partida, mas desta vez com novos significados, ou de forma aberta, onde a conclusão moral da história tem traços de ambiguidade, como se algumas perguntas não fossem respondidas, permitindo a reflexão da história de maneira mais introspectiva.

Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, foi aplicado o método de análise pragmática da narrativa jornalística. Sobre essa metodologia, Motta (2018) descreve que no campo da narratologia o discurso narrativo cumpre uma função central no processo de contar histórias, no caso em questão as notícias, de maneira a organizar o relato e estabelecer significados:

A análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. A ênfase está no ato de fala, na dinâmica de reciprocidade, na pragmática da comunicativa, não na narrativa em si mesma. Pretende-se observar as narrativas jornalísticas como jogo de linguagem, como ações estratégicas de constituição de significados em contexto, como uma relação entre sujeito atores do ato de comunicação jornalística. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos (MOTTA, 2018, p. 146-147).

Dessa forma, pretende-se identificar os elementos da reportagem de telejornal que evidenciam a construção do *storytelling*, utilizando o conceito da *Jornada do Herói* e os 12 (doze) estágios da estrutura narrativa de Vogler (2015), com base na obra *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell, como modelo de adaptação aos novos formatos de transmissão da informação e de consumo do conteúdo jornalístico para uma sociedade midiaticizada.

Análise

A análise compreende a observação da estrutura narrativa se adapta ao assunto em destaque. Desta forma, é possível identificar três histórias sendo contadas

simultaneamente: a principal é sobre a exposição de esculturas de Lego; em paralelo temos a história do artista plástico; e uma terceira história que é o fio condutor da narrativa, na qual encontra-se a história universal. Nesta última é possível entender os signos criados na combinação de imagem, linguagem e trilha sonora, resultando nos elementos contidos na *Jornada do Herói*.

Dito isso, a organização de todos estes recursos narrativos contribui para a performance do repórter, que abusa da marca de oralidade, utilizando um estilo mais informal, além das figuras de linguagens, que combinados com a imagem produzem novos signos, como metonímia, catacrese e hipérbole. A trilha sonora intensifica as emoções, direcionando o ritmo da narrativa. A sequência (montagem) de cenas também possui estratégias importantes para a construção desta história, criando metáforas visuais e escolhendo a fotografia da reportagem. Ao analisar a reportagem, é possível destacar os elementos fundamentais dos 12 estágios da *Jornada do Herói*, de Vogler (2015), na qual cada parte foi dividida de acordo com as características narrativas e as respectivas marcações de tempo.

O 1º estágio da reportagem compreende entre o minuto 0’22” e 0’40”. É possível identificar que as esculturas são usadas como recurso visual, a fim de expandir o significado que os elementos audiovisuais (montagem da cena, trilha sonora, narração do repórter e disposição das imagens) teriam separados. Essa é a metáfora visual que a reportagem optou como ferramenta narrativa para construir a história. Um exemplo que ajuda a entender a exploração deste conceito é quando o repórter fala “de mãos atadas” e a imagem destaca uma escultura sem mãos. O uso de figuras de linguagem é outro elemento recorrente da reportagem que busca estabelecer conexões entre os temas abordados durante a reportagem, como pode ser visto no momento em que o repórter diz “*estrangulado por uma gravata*” e a imagem mostra uma escultura de um homem engravatado, como referência ao padrão formal dos advogados.

Neste estágio, somos apresentados ao *Mundo Comum*, que aqui é o passado do nosso *herói*, mais especificamente sobre a vida como advogado. Ao mesmo tempo que conhecemos o nosso personagem, somos contextualizados acerca de qual é a situação emocional no momento presente. A trilha sonora provoca uma sensação de solidão e tristeza, revelando o descontentamento com a vida dele. O conflito do *herói* está exatamente na dificuldade de encontrar uma forma de mudar a sua realidade. O arco do

personagem e as questões dramáticas começam a ser levantadas. A reportagem explora a discussão sobre a mudança na carreira e a necessidade de se encontrar profissionalmente, ao mesmo tempo que apresenta uma exposição de esculturas e conta a história do criador dela.

O 2º e 3º estágios se encontram no minuto 0’41” a 0’56”. O *Chamado à Aventura* é esta vontade do *herói* de querer mudar a realidade dele, é a força interna que provoca sair do *Mundo Comum* e embarcar no *Mundo Especial*. O conflito apresentado no 1º estágio é intensificado pela insatisfação de se sentir deslocado profissionalmente: “*Ele só vivia caminhando em círculo, se sentindo inútil*”. Eis, então, que o desafio a ser superado fica evidente: a busca pela realização profissional. E o objetivo inicial é sair daquele mundo.

A *Recusa do Chamado* é ocasião de conflito interno, na qual o *herói* hesita em dar sequência à jornada com medo de abandonar a carreira de advogado para algo incerto. As oportunidades surgem, mas até o momento ele não tem a coragem para aceitá-las. “*É como se ele acordasse todo dia de manhã e o destino oferecesse para ele um presente, que ele nunca abria*”. Ao mesmo tempo que a fala do repórter serve para reforçar o conflito do *herói*, a montagem da reportagem nos mostra uma escultura de um homem em frente a uma caixa de presente, a fim de aproximar da sensação do personagem, criando engajamento de quem acompanha a história.

O 4º e 5º estágios estão entre os minutos 0’57” e 1’04”. O *Encontro com o Mentor* é o momento da decisão do *herói*, quando a frustração de se sentir estagnado é a mola propulsora para realizar a *Travessia do Primeiro Limiar* e o *Salto de Fé*, na escolha do *herói* de ir ao encontro da realização profissional, por mais arriscado que seja. A essa altura, o personagem chegou no limite entre os dois mundos, “até que depois de tanto desespero e aquela sensação de como se estivesse se fragmentando, ele decidiu mudar”. Assim pode se identificar o primeiro *Ponto de Virada* da história, onde o objetivo inicial de sair do *Mundo Comum* é inevitável. O *herói* está decidido após encontrar com o *Mentor*. Neste caso, é a consciência dele, a necessidade de tomar a iniciativa e assumir de vez o controle da jornada. Importante observar que esta mesma consciência anteriormente foi o *Guardião do Limiar*, o primeiro obstáculo enfrentado para sair do *Mundo Comum*. Neste ponto, ele assume o arquétipo de despertar o *herói* interior, aquele que busca por algo, e a resposta está em si mesmo. Destaca-se, também, a fraqueza do

herói, o qual está se sentindo fragmentado, como se tivesse perdendo a essência que faz ele ser quem é.

O 6º estágio está contido nos minutos 1’05” ao 1’44”. Tendo entrado de vez no *Mundo Especial*, que é esta jornada pela realização profissional, o *herói* precisa aprender a se adaptar neste estilo de vida. A trilha sonora desaparece, dando indícios da mudança ocorrida no *Ponto de Virada*. O foco é voltado para a passagem do repórter, sendo por meio dele que somos apresentados ao estágio do *Teste, Aliados, Inimigos*. Os desafios que fortalecem o *herói* é todo o processo de aprendizagem, na qual precisa entender como seguir em frente após ter tomado a decisão de encontrar a realização profissional: “*e aí, quando ele estava precisando de uma jogada de mestre no xadrez da vida, ele parou, sentou, pensou e chegou à seguinte conclusão [...]*”. Para reforçar a ligação entre o significado destas esculturas e a jornada pessoal do nosso *herói*, a reportagem opta por criar os elementos da narrativa que misturam a linguagem, ou seja, o que o repórter fala e o movimento de progresso da história em um plano-sequência, como se cada parte daquela exposição representasse o treinamento do personagem para enfrentar a *Provação Suprema*. O momento mais evidente de como o *herói* se fortalece neste estágio está na seguinte expressão: “*o que fez reescrever a própria história foi algo bem menor, que cabe na ponta dos dedos: uma pecinha de montar*”.

O 7º estágio está presente nos minutos 1’45” a 2’05”. Neste ponto chegamos no coração da aventura. É aqui que a reportagem nos mostra a conexão das peças de Lego e a história do *herói*. A *Aproximação da Caverna Oculta* é a fase do treinamento do personagem que o levou a conclusão da necessidade de recomeçar a vida profissional, sendo esta uma busca interna, partindo de dentro para fora: “*na verdade, uma não, milhões. Foi a quantidade necessária para começar a se reconstruir e caminhar a um ‘eu’ mais colorido*”. É possível identificar isso também pela escultura escolhida na montagem da reportagem, em que temos um homem subindo uma escada, dando ideia de progresso/crescimento em direção a um homem colorido e bem maior, como se ele estivesse indo ao encontro de uma melhor versão dele mesmo.

A expressão “milhões” dá a dimensão do que foi o recomeço até chegar no momento atual da história. Termos como “colorido”, “ensolarado” e “levantar a cabeça” evidenciam o contraste de como o *herói* foi apresentado no início da reportagem, além de mostrar um vislumbre de como será o futuro do personagem. Em oposição ao começo da

história mais escura, sombria e pessimista, temos a busca por algo colorido e ensolarado. Ao invés da postura cabisbaixa e desanimada, vemos uma progressão do *herói* com mais empolgação e de cabeça erguida. O *Ponto de Virada* aqui está na revelação que a história contada através das esculturas é do criador da exposição. A trilha sonora revela a aproximação do momento de *Crise*, e estabelece o senso de urgência em enfrentar a *Provação Suprema* o quanto antes.

O 8º estágio compreende os minutos 2'06" e 2'37". O grande confronto do *herói* é transformar as peças de Lego em obras de artes, remontar esculturas famosas em um estilo que ainda não se tinha visto. A *Provação Suprema* está no desafio, não somente de fazer esculturas, mas de criar algo que vá ao encontro à realização profissional do personagem, que acrescente algo à vida dele. O momento de *Crise* coloca em confronto duas forças de mesma origem, no caso a do *herói*, em que há um lado dele buscando a realização profissional e o outro mais pessimista, colocando dúvidas para permanecer como estava no início. O momento de ruptura da história está exatamente quando o *herói* consegue transformar as peças de Lego em esculturas, caracterizando a morte-ressurreição. A trilha sonora entre os minutos 2'19" e 2'26" é o elemento narrativo do triunfo do personagem, onde ele assume o posto por completo do *herói*. Em seguida, a fala do artista plástico finaliza o estágio da *Provação*: "*isto é divertido. Pegar milhares, dezenas de milhares de tijolos de Lego e transformar em arte e criar uma coisa que o mundo não tinha ainda visto*".

O 9º e 10º estágios encontram-se entre os minutos 2'38" e 3,32". A trilha sonora começa a dar um ar mais positivo. As consequências de ter passado pela *Provação Suprema* são as consequências da total libertação em relação à vida profissional de advogado. Aqui temos certeza que a ruptura e a vitória foram completas: "*arrancou a máscara da advocacia, explodiu verdadeiramente pra fora do terno e da gravata e ganhou o mundo*". O reforço do *Caminho de Volta* desta jornada é o *Elixir* do *herói*, que reverbera nas próprias obras de arte, na qual esta conquista possibilita ele ganhar o mundo fazendo o que gosta, ao mesmo tempo que compartilha esse conhecimento com quem visita a exposição: "*nesta exposição eu quis fazer alguma coisa para crianças e adultos apreciarem. Os adultos apreciam o aspecto da história da arte e transmitem esse conhecimento para as crianças*".

Ao se aproximar do final da história, a reportagem nos faz uma breve retrospectiva de alguns momentos-chave da jornada: o primeiro ponto é reforçando o lado pessimista do *herói* (a força antagônica), do confronto entre os desejos do personagem, presente principalmente nos estágios da *Recusa do Chamado* e *Provação*: “*ele deve estar rachado por causa de um susto, eu acho. Com algum medo. É tá com uma cara de desespero, tipo: ai, meu Deus, o que aconteceu comigo?*”. E o segundo ponto é quando o repórter nos coloca dentro do raciocínio do *herói* para entendermos como ele venceu os maiores medos, o segredo contido no *Elixir* “*se visto de perto tudo é meio cheio de pontas, imperfeito, como a nossa própria existência. Mas de longe tudo tem movimento, é quase curvo, redondo*”.

Para que toda essa história faça sentido, o *herói* precisa reconhecer toda a jornada responsável por trazer até o momento atual, este é o *Teste Final*. A transformação do personagem passa pela compreensão de como o mundo mudou e ele mesmo é uma nova versão de si, o advogado agora é um artista, o objetivo da realização profissional foi concretizado e de forma pessoal o *herói* se encontrou no *Mundo Especial*. Assim, o processo da *Ressurreição* está completo. Diferentemente do início da jornada, no qual tínhamos uma escultura sem cor e de cabeça baixa, agora a representação do Herói é outra escultura, um homem cheio de peças de Lego coloridas. A trilha sonora presente nesses dois últimos estágios demarca a comemoração de ter conquistado o objetivo da jornada. Desta forma, o arco do personagem se fecha, as questões levantadas são respondidas e os conflitos são solucionados. Ao fim, o repórter sintetiza a mensagem da história: “*a maior lição que esta exposição deixa talvez seja a seguinte: descubra verdadeiramente o que tem dentro de você, e não fica com medo de se surpreender com o que encontrar lá no fundo*”. Em seguida, ele conclui conectando as três histórias que acompanhamos durante a reportagem: “*até mesmo porque ninguém diria que a alma de um advogado podia ser cheia de pecinhas de montar*”.

Algumas considerações

O acesso à informação atualmente possui uma dinâmica bem peculiar, na qual o fato já não é mais um monopólio exclusivo do jornalista. Em determinadas situações, uma notícia que é exibida no jornal da noite já foi divulgada nos portais de notícia massivamente durante todo dia. Tendo em vista essa questão, qual lugar o telejornalismo ocupa dentro da comunicação? De maneira mais específica, onde se encaixa a reportagem

de telejornal neste mundo hiperconectado? As reportagens precisam oferecer aos telespectadores muito mais que reportar os fatos. É necessário investir na produção de conteúdo atraente, dar contexto às notícias, afim de agregar valor singular no formato de transmitir informações. Para tal, mergulhar nos aspectos narrativos das reportagens é um conhecimento fundamental dos profissionais da comunicação.

O *storytelling* tem como proposta provocar a criatividade do *teller*, de como os profissionais de comunicação encaram as histórias. No caso do jornalista, a notícia e o produto telejornal, a fim de reorganizar as informações dando a elas sentido para quem a consome. Não se trata de um padrão de redação de texto, mas sim o entendimento que cada notícia tem uma história e precisa estar adaptada para ela. Por isso, saber escolher os caminhos de como contar histórias do dia a dia é fundamental quando o objetivo é produzir conteúdo relevante e atraente.

O jornalismo, de uma forma geral, precisa estar receptivo às novas formas de transmitir informações, buscar referências em outras áreas da comunicação que oferecem cada vez mais possibilidades a serem exploradas dentro de uma reportagem de telejornal. É uma mudança cultural, que envolve as redações. Trata-se de uma visão particular na qual todos os elementos presentes no conteúdo têm a função de informar e contar uma história.

A Jornada do Herói é uma dessas ferramentas narrativas presentes na comunicação que permitem uma perspectiva singular da produção jornalística. Ela se adapta aos mais diferentes meios, conservando a característica de conter o inconsciente coletivo da humanidade (VOGLER, 2015). É uma tecnologia narrativa que, quando aplicada, permite ao *teller* extrair a essência da história, explorando os pontos fortes, as diversas perspectivas de roteiro e a criação de signos como elemento estratégico na busca por uma história coesa, cativante e universal. O trabalho buscou entender a estrutura de uma reportagem de telejornal pela visão narrativa, a fim de investigar a pragmática do *storytelling* no produto jornalístico e as funções que desempenham no âmbito informativo e na contação de história. Isso, partindo do princípio que os elementos presentes na reportagem criam estratégias narrativas, como movimento estilístico e temático, almejando agregar valor à reportagem, em paralelo à necessidade de reter a atenção dos telespectadores. Ao analisar a presença dos 12 estágios da *Jornada do Herói*, evidencia-se a promoção do *storytelling* como ferramenta a favor do desenvolvimento da interação

e maior engajamento do telespectador, mantendo a notícia relevante sem perder a importância da informação. A técnica não tem a função de substituir a redação clássica da reportagem, que é bem eficiente no objetivo de transmitir informação, porém apresenta alternativas para a construção do produto jornalístico mais criativo. É importante que todos os elementos do storytelling estejam a serviço da notícia, afinal esta é a matéria-prima do jornalismo. Outro ponto a ser considerado é o efeito da estratégia da comunicação no telespectador, ela precisa criar conexão e também reduzir ao mínimo qualquer possível ruído, a mensagem precisa ser clara.

Referência

- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Editor F. Masucci, 1969.
- _____. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações acerca da obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LEAL, Bruno Souza. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARTINS, Elaide. **Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel**. Brazilian Journalism Research, 2012.
- MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2016.
- NUÑEZ, ANTONIO. **É melhor contar tudo**. Barueri, SP: NBL Editora, 2009.
- PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O guia completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2018.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são porque são**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2012.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. São Paulo: Aleph, 2015.
- XAVIER, Adilson. **Storytelling: histórias que deixam marcas**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2015.